

A extensão universitária e a (re)organização de agricultores familiares em tempos de pandemia

RESUMO

A universidade é fundamentada pela tríade ensino-pesquisa-extensão, onde a extensão tem papel importante para a sociedade. Com a necessidade de isolamento social ocorrida pela pandemia do novo coronavírus, como o papel da universidade tem se revelado? Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar a solução que os agricultores do bairro rural Peroba e os membros do Núcleo Travessia encontraram para a comercialização da produção familiar durante a pandemia, em Itajubá (MG). As entrevistas foram realizadas por meios eletrônicos e os resultados apontaram que a atuação do Núcleo Travessia contribuiu para evitar a perda de produção dos agricultores da Peroba, garantir sua renda e fornecer à população em geral uma alimentação de qualidade, iniciando a formação de uma Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA).

PALAVRAS-CHAVE: Universidade. Extensão. Agricultura Familiar. Pandemia. CSA.

Tayrine Parreira Brito

tayrinepb@gmail.com

Universidade Estadual de
Campinas, Campinas, São Paulo,
Brasil.

Samanta Borges Pereira

samantaborges81@gmail.com

Universidade Federal de Lavras,
Lavras, Minas Gerais, Brasil.

Juliana Boldrin

jujuboldrin@gmail.com

Universidade Federal de Itajubá,
Itajubá, Minas Gerais, Brasil.

Ednilson Moisés de Lima e Silva

ednilsonmlima7@gmail.com

Universidade Federal de Itajubá,
Itajubá, Minas Gerais, Brasil.

Viviane Guimarães Pereira

vgpereira@yahoo.com.br

Universidade Federal de Itajubá,
Itajubá, Minas Gerais, Brasil.

INTRODUÇÃO

Esta nota técnica apresenta a relação estabelecida entre universidade e sociedade, a partir da experiência do Núcleo Travessia (Núcleo de Pesquisa, Extensão e Apoio à Agricultura Familiar e ao Desenvolvimento Rural) que atua na microrregião de Itajubá (MG). Trata-se do trabalho desenvolvido nos últimos quatro anos junto à comunidade rural da Peroba e como as trocas de experiência e apoio mútuo permitiram a (re)organização das famílias agricultoras quanto à sua produção, comercialização e geração de renda em tempos de isolamento social.

A agricultura familiar teve, historicamente, que buscar estratégias de sobrevivência no campo, seja devido à industrialização das cidades na acumulação primitiva, seja nas disputas com os grandes empreendimentos pelos recursos naturais, seja no enfrentamento ao agronegócio (MARX, 1996; PICOLOTTO, 2011). Mesmo em meio a esse processo de espoliação, a agricultura familiar continua assegurando a nossa alimentação. No Brasil, cerca de 70% dos alimentos básicos da nossa refeição diária, como feijão, mandioca, leite, milho, aves, suínos e hortaliças, advém da produção familiar (IBGE, 2017).

No início de 2020 fomos surpreendidos por uma pandemia que alterou todas as relações existentes na sociedade – produtivas, afetivas, culturais, ambientais, econômicas, alimentares etc. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma doença pandêmica e até o dia 07 de maio de 2020 foram confirmados 3.672.238 casos de COVID-19 no mundo (OPAS, 2020).

Diante dessa realidade, garantir a aquisição de alimentos de forma segura se tornou uma prioridade. Mas como assegurar uma alimentação saudável e, ao mesmo tempo, manter o isolamento que minimiza os riscos de contaminação? Se de um lado temos o cidadão que precisa adquirir os alimentos para a sua família, de outro temos os agricultores familiares com restrições de canais de comercialização da sua produção.

Em Itajubá, os eventos públicos e as atividades escolares presenciais foram suspensas dias 18 e 19 de março, respectivamente, de acordo com o decreto municipal 7763/2020 (ITAJUBÁ, 2020). Sem permissão para a realização de eventos, a participação semanal dos agricultores na feira agroecológica foi interrompida. Com as escolas fechadas, a prefeitura descontinuou os pedidos de compra do PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) e as vendas dos agricultores para o programa foram temporariamente canceladas.

Mais uma vez os agricultores familiares se encontraram em uma situação desafiadora que exigia (re)organização para evitar perda da produção e encontrar novas formas de comercialização. Foi então que algumas famílias da comunidade rural da Peroba, que já possuíam parceria com o Núcleo Travessia, se rearticularam para superar esse momento.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

O Núcleo Travessia iniciou suas atividades enquanto grupo de pesquisa e extensão em julho de 2015, atuando na Serra do Espinhaço com agricultores atingidos pela mineração. Em 2016, frequentando a feira agroecológica de Itajubá, o grupo começou a se aproximar dos agricultores da região. Desde então, já foram aprovados três projetos de extensão financiados pela Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), dois projetos de capacitação financiados pelo Instituto Federal do Sul de Minas (IFSULDEMINAS), um projeto financiado pelo Fundo Nacional de Solidariedade (FNS) da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), além de um trabalho final de graduação e duas dissertações de mestrado.

Os projetos possibilitaram a capacitação das mulheres em produção de doces, compotas e quitandas, equipando seu espaço de trabalho com todos os equipamentos e utensílios necessários para essa produção, de acordo com as exigências da legislação. A estruturação desse grupo permitiu que elas participassem da feira agroecológica e comercializassem seus produtos nas creches municipais através do PNAE. O recurso dos projetos possibilitou ainda a aquisição de um tratorito, uma balança eletrônica e equipamentos necessários para iniciarem a apicultura, usados de forma compartilhada pela comunidade.

É fundamental relatar essa história de aproximação e construção de confiança para reforçarmos o papel da universidade. As trocas de experiências realizadas nesses quatro anos foi o que permitiu estabelecer uma rede que possibilitou uma resposta rápida à demanda urgente dos agricultores por novas estratégias de comercialização. A universidade, aqui representada pelo Núcleo Travessia, respondeu aos cidadãos - que tiveram acesso à alimentação sem agrotóxico, de produção local e sem sair de casa – e aos agricultores - garantindo sua renda e o sustento de suas famílias.

A entrega de cestas de produtos da agricultura familiar já havia sido iniciada timidamente pelos agricultores no final de 2019. Em diálogo com o grupo, eles relataram a intenção de fomentar esse canal de comercialização em 2020. Por meio da parceria entre a Peroba e o Núcleo Travessia, um projeto sobre Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA) foi submetido e aprovado no edital PROEX 01/2020 da Universidade Federal de Itajubá, com previsão de início em junho de 2020.

O CSA é um sistema em que o consumidor paga um valor mensal fixo e recebe uma cesta semanal, com determinada quantidade de itens, na sua residência ou outro local, acordado com o agricultor (MELO; FREITAS; CALBINO, 2020). Adaptações podem ser realizadas conforme realidade dos agricultores e/ou consumidores. De maneira geral, a proposta é que os agricultores tenham uma segurança financeira mínima, produzindo com a garantia da comercialização. Vale ressaltar que o CSA é um sistema geralmente adotado por agricultores orgânicos.

A suspensão das compras do PNAE e o impedimento da realização da feira trouxe insegurança aos agricultores da Peroba, que precisavam evitar a perda da produção e pensar em novas formas de comercialização. Diante da emergência, uma das lideranças da comunidade - representando 05 famílias agricultoras - entrou em contato com a coordenadora do Núcleo Travessia, que se articulou junto aos outros integrantes para divulgar a lista de produtos o mais rápido e para o maior número de pessoas possível e o projeto passou a ser executado em meio a pandemia. As cestas são compostas por hortaliças, legumes e frutas, alguns produtos regionais (como o pinhão), além de frango e ovos caipira, queijos e quitandas artesanais. Desde o dia 19 de março de 2020 eles estão entregando semanalmente.

Vale ressaltar que as cestas também estão beneficiando agricultores de municípios vizinhos como Maria da Fé e Piranguçu. São agricultores orgânicos que também participavam de feiras e com a pandemia, compartilharam das mesmas dificuldades. Assim, para aumentar a diversificação das cestas e contribuir com o escoamento da produção e a renda de seus pares, os agricultores da Peroba fizeram uma parceria com estes agricultores. Verifica-se que, para além das demandas mais pontuais, o projeto das cestas também tem contribuído para a organização solidária de uma rede de comercialização dos agricultores familiares orgânicos da região.

Na primeira semana foram vendidas em torno de 16 cestas. Na segunda semana já foram 60 cestas e na terceira semana ocorreu o pico, com mais de 80 entregas, tendo que dispensar novos pedidos. As vendas de cestas estão indo para a sétima semana, com média de 70 cestas. Os pedidos pelos consumidores são feitos semanalmente ou quinzenalmente, sempre entrando novos consumidores/pedidos.

Para entender de que forma a proposta das cestas tem impactado a população, selecionamos 11% dos consumidores para serem entrevistados. As entrevistas foram feitas por ligação telefônica, e-mail e *WhatsApp*. Todos os consumidores disseram que já tinham algum acesso a produtos da agricultura familiar antes da pandemia, através de produtores de Pedralva e Brazópolis, da feira agroecológica ou da feira convencional e 100% dos entrevistados ficaram sabendo da possibilidade de fazer o pedido e receber em domicílio pelo *WhatsApp*, seja através de membros do Núcleo Travessia, do técnico da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER-MG) que oferece apoio aos agricultores familiares ou intermediários que ajudaram a divulgar a lista de pedidos.

A comodidade - pedido pelo *WhatsApp* e entrega em domicílio (que antes era apenas um item a mais a ser considerado, mas com a pandemia passou a ser uma necessidade de segurança) - foi mencionada por todos os consumidores, como razão para ter passado a adquirir as cestas, além de ser um ponto positivo desta forma de aquisição de alimentos apontado por 100% dos entrevistados. Outros motivos de aquisição das cestas foram: apoio à produção local, produtos saudáveis

e apoio à produção sustentável, oferta de produtos variados. Os pontos positivos estão alinhados às motivações de compra: produtos bem organizados e higienizados, compra direto do produtor, produção variada, produção orgânica, produtos mais saudáveis, mais frescos, com mais qualidade e mais saborosos, apoio à produção local, geração de renda para a comunidade rural local, compra direto do produtor.

A média semanal investida nas cestas é em torno de R\$ 55,00 (cinquenta e cinco reais), variando de R\$ 40,00 (quarenta reais) a R\$ 90,00 (noventa reais). Os pagamentos estão sendo feitos semanalmente, com dinheiro, transferência bancária ou cartão de crédito. Dos consumidores entrevistados, em torno de 75% disseram que pretendem continuar adquirindo as cestas, mesmo com o fim do isolamento. Os outros continuarão a adquirir da agricultura familiar, mas voltando a frequentar as feiras, quando possível.

A Comunidade que Sustenta a Agricultura dos agricultores da Peroba está se fortalecendo. Alguns consumidores relataram que a adequação do pedido vai melhorando a cada semana e diferenças na entrega também foram sanadas com o tempo. Além disso, compreendem que o preço às vezes é maior por ser produção orgânica e que a variedade é diferente por ter que respeitar a época de cada tipo de produção, podendo adequar o consumo à época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de comercialização de cestas de produtos da agricultura familiar pelos agricultores da Peroba, com o apoio do Núcleo Travessia é um exemplo de resposta da Universidade para a sociedade, fazendo valer o seu pilar fundamental de indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão.

Quando uma doença atinge todos os aspectos da vida da nossa população, vale retomar a pergunta-chave que estava sendo feita às universidades nos meados da década de 90 sobre o papel na resolução dos problemas brasileiros. Para que(m) serve a pesquisa produzida em nossas universidades?

Reconhecendo as limitações de nossa atuação – e as diferentes realidades desse país – a pesquisa e a extensão desenvolvidas pelo Núcleo Travessia contribuíram para evitar a perda de produção dos agricultores da Peroba, garantir sua renda e fornecer à população em geral uma alimentação de qualidade – ainda mais necessária nesse momento – mantendo a segurança do isolamento social recomendado pelas organizações de saúde. Fizemos a nossa parte, mas ainda há muito a ser feito.

University extension and the (re)organization of family farmers in times of pandemic

ABSTRACT

The university, based on the teaching-research-extension triad, detaches extension actions as an important role for society. With the need for social isolation caused by the new coronavirus pandemic, how has the role of the university revealed itself? In this sense, the aimed of this work is to present the solution that farmers in the Peroba's rural neighbourhood and members of the Núcleo Travessia found for commercialization of family production during the pandemic, in Itajubá (MG). The interviews, conducted by electronic means, showed that the performance of the Núcleo Travessia. The commercial strategies contributed to avoid the loss of production of Peroba's farmers, guarantee their income and provide the population in general with food of quality, starting the formation of a Community that Supports Agriculture (CSA).

KEYWORDS: University. Extension. Family Farming. Pandemic. CSA.

AGRADECIMENTOS

À Comunidade Rural da Peroba, Itajubá, MG.

REFERÊNCIAS

IBGE. Censo Agropecuário 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2Ltaypw>. Acesso em: 09 mai. 2020.

ITAJUBÁ. **Decreto n. 7.763**, de 13 de março de 2020. Diário Oficial [de] Itajubá, Poder Executivo, Itajubá, MG, 14 de março de 2020. Disponível em: <http://diariooficial.itajuba.mg.gov.br/upload/Decreto%20n%C2%BA%207763%20-%20Emergencia%20em%20saude%20publica.pdf>. Acesso em 08 maio 2020.

MARX, K. A Assim chamada acumulação primitiva. In: MARX, K. **O capital** - Crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultura, 1996, p. 339-394.

MELO, A. M.; FREITAS, A. F.; CALBINO, D. Comunidades que sustentam a agricultura (CSA): panorama das pesquisas brasileiras. Colóquio – **Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 17, n. 2, 2020, p. 82-99.

OPAS. Organização Pan-Americana. **Folha informativa** – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). Representação da OPAS no Brasil, 08/05/2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 08/05/2020.

PICOLOTTO, E. L. **As mãos que alimentam a nação**: agricultura familiar, sindicalismo e política. 2011, 289 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

Recebido: 16/05/2020
Aprovado: 16/07/2020
DOI: 10.3895/rts.v16n43.12330

Como citar: BRITO, T.P.; et.al. A extensão universitária e a (re)organização de agricultores familiares em tempos de pandemia. **R. Tecnol. Soc.**, Curitiba, v. 16, n. 43, p.1-7, ed. esp. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/12330>.

Acesso em: XXX.

Correspondência:

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

